

A construção [filho de (art) N]: análise à luz da LFCU

The construction [filho de (art) N]: analysis in the light of LFCU

Marcos José Martins da Costa ¹

Universidade Federal Fluminense- RJ, Brasil.

RESUMO

Investigamos a construção lexical [filho de (art) N] com base em 150 dados efetivos de uso do português do Brasil coletados da rede social X. Pautamos nossa pesquisa na Linguística Funcional Centrada no Uso, de acordo com Oliveira (2021; 2022; 2023), Rosário e Lopes (2023), Furtado da Cunha (2023), Bispo e Lopes (2022), Rosário e Oliveira (2016) e com base na perspectiva internacional da língua em uso de Traugott (2022), Traugott e Trousdale (2021 [2013]), Bybee (2016[2010]), Croft (2001) entre outros. Nossas hipóteses são as seguintes: i) o falante cria expressões a partir da modificação de um esquema já existente na língua; ii) essas caracterizações são motivadas por aspectos sociais complexos, criadas a partir de contextos discursivos que envolvem religião, machismo, misoginia, entre outros. Nossos objetivos são: i) aferir as frequências *type* e *token* das construções utilizadas a partir do esquema indicado e ii) discutir as motivações pragmáticas no preenchimento dos *slots*, em eventos menos monitorados. Postulamos que, após o processo de mudança investigado, deparamo-nos com expressões cujo significado geral se sobrepõe ao significado das partes. Esses novos nós na língua ficam condicionados ao preenchimento do *slot* N por itens que identifiquem a motivação pragmática do falante.

PALAVRAS-CHAVE:

Construcionalização lexical. *Chunk*. LFCU. [filho de (art) N]. Idiomatismo.

ABSTRACT

We investigated the lexical construction [filho de (art) N] based on 150 actual instances of Brazilian Portuguese usage collected from the social network X. Our research was based on Usage-Based Functional Linguistics, according to Oliveira (2021; 2022; 2023), Rosário and Lopes (2023), Furtado da Cunha (2023), Bispo and Lopes (2022), Rosário and Oliveira (2016), and based on the international perspective of language in use of Traugott (2022), Traugott and Trousdale (2021 [2013]), Bybee (2016[2010]), Croft (2001), among others. Our hypotheses are as follows: i) the speaker creates expressions by modifying an already existing schema in the language; ii) these characterizations are motivated by complex social aspects, created from discursive contexts involving religion, male chauvinism, misogyny, among others. Our objectives are: i) to measure the type and token frequencies of the constructions used based on the indicated scheme and ii) to discuss the pragmatic motivations in filling the slots, in less monitored events. We postulate that, after the investigated change process, we encounter expressions whose general meaning overrides the meaning of the parts. These new nodes in the language become conditioned by the filling of slot N with items that identify the speaker's pragmatic motivation.

KEYWORDS:

Lexical constructionalization. *Chunk*. LFCU. [filho de (art) N]. Idiom.

Recebido em: 26/02/2026

Aceito em: 14/08/2026

¹ E-mail: mjose.martins.mm@gmail.com|ORCID: 0009-0002-2179-1748.

1. Introdução

Neste artigo, investigamos o padrão esquemático [filho de (art) N], com base na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), nos termos de Oliveira (2021; 2022; 2023), Rosário e Lopes (2023), Cunha (2023), Bispo e Lopes (2022), Rosário e Oliveira (2016), entre outros. Essa corrente do Funcionalismo tem como foco usos convencionalizados, “em expressões que são produzidas e recebidas como um todo de sentido e forma, e que passam a cumprir funções mais gramaticais ou discursivo-pragmáticas na língua” (Oliveira, 2021, p. 192). Na LFCU, as ocorrências são analisadas sob as perspectivas construcional, cognitiva e pragmática da linguagem.

Os dados coletados na rede social X² possibilitam a análise do padrão em tela em ambientes menos monitorados. Observamos que o substantivo *filho* licencia um esquema cujo preenchimento do *slot*³ N, junto ao contexto discursivo, possibilita a instauração de um sentido em que o todo é uma unidade diferente de suas partes (Rosário, Oliveira, 2016) em expressões como: “filho do bob esponja com o patrick”, “filho da puta”, “filho do baphomet”, “filho de satan”, “filho de Deus”, “filho de égua”, entre outros.

Acerca dessa investigação, esclarecemos que nossas hipóteses são as seguintes:

- i) O falante caracteriza o interlocutor a partir da modificação de um esquema já existente na língua, com a perda de composicionalidade de seus constituintes;
- ii) Essas caracterizações passam por aspectos sociais complexos, motivadas por contextos discursivos que envolvem religião, machismo, misoginia, entre outros.

Quanto a nossos objetivos, são os seguintes:

- i) Aferir as frequências *type* e *token* das construções instanciadas a partir do esquema indicado;
- ii) Discutir as motivações pragmáticas das novas expressões e o sentido estabelecido no ambiente discursivo particular às ocorrências.

Dividimos este artigo em sete partes, iniciando por esta introdução. Na segunda seção, apresentamos o objeto de pesquisa em tela. Na terceira parte, abordamos os pressupostos da LFCU, em seus aspectos construcionais, cognitivos e pragmáticos. Na quarta seção, apresentamos a metodologia aplicada, de caráter qualiquantitativo. Analisamos os dados coletados na quinta

² Link: x.com.

³ Espaço aberto a ser preenchido em um padrão esquemático.

seção. Na sexta seção, concluímos nosso trabalho. Por fim, indicamos as referências.

2. Objeto de pesquisa

A palavra *filho* vem do latim *filius*, e distingue um indivíduo em relação aos pais (Cunha, 2012, p. 1562), indicando descendência. Bechara (2009, p. 411) descreve *filho* como “pessoa em relação a seus pais”, “descendente de certo povo ou raça”, “o indivíduo em relação a seu país, cidade, região geográfica”, “o indivíduo em relação ao ambiente político em que foi criado”. Constatamos que a relação da palavra não se desenvolve apenas na significação *pai/filho*, mas se metaforiza no sentido de vínculo com a terra, com a cultura, com a religião, entre outros.

Na maioria de nossas ocorrências, observamos o preenchimento de N com termos que levam a expressões injuriosas ou pejorativas, sejam direcionados ao homem ou à mulher. Alves (2004) argumenta que o dimorfismo⁴ cultural é o reflexo da transposição das diferenças entre esses dois gêneros para a cultura, de forma dicotômica, em uma realidade de aspectos positivos para homens e negativos para mulheres. Ele defende que os palavrões são machistas em sua maioria. Nessa lógica, xingamentos obscenos como *filho da puta*, *filho de uma égua*, *filho de uma mãe* (solteira) ou *puta que o pariu* desqualificam a mulher que “não seguiu seu destino de esposa”. Por exemplo, homens que frequentam prostíbulos não são “putos”, mas as prostitutas que lá se encontram oferecendo seus serviços são tratadas como “putas”.

De acordo com Beauvoir (1967), o homem é descrito com a capacidade de agir, criar e moldar o mundo, estabelecendo-se como “sujeito” sempre em mudança (transcendência). A mulher deve ficar presa à repetição da vida, como limpar e cozinhar, sem criar nada novo (imanência). Nessa perspectiva, xingamentos como *filho do Péricles* e *filho da puta* surgem de conceitos sociais distintos que levam a uma zona de tensão baseada nos protótipos arcaicos de gênero, já que no padrão estabelecido não se encaixam, por exemplo, um homem acima do peso ou uma mulher fora das funções de mãe e dona de casa.

Além disso, observamos um padrão físico que permeia a mente do cidadão comum. Ele não se compara com pessoas comuns do seu dia a dia, mas sim com atletas e supermodelos que vê na TV ou nas redes sociais (Harari, 2012). Nesse sentido, o que foge ao protótipo do ser humano “perfeito” das cenas de TV e das fotografias e vídeos feitos para a internet é considerado

⁴ Existência de duas formas distintas de um mesmo organismo.

estranho e até desprezível. Essa perspectiva passa a ser usada como efeito de humor nas redes, e referências a características do outro que fujam ao protótipo de beleza do século XXI tem um efeito cômico socialmente tolerado, como vemos em nossos dados.

Embora esta pesquisa seja sincrônica, destacamos que a construção [filho de (art) N] como instrumento de injúria e ofensa já figurava nas sociedades mais antigas, com registros até mesmo na Bíblia (2017, s.d.), praticamente mil anos antes de Cristo. Neste registro, o rei Saul se aborrece com seu interlocutor e utiliza o esquema em tela para atacá-lo verbalmente: “Então Saul ficou irado com Jônatas e lhe disse: — Seu filho de mulher vadia e rebelde! Você acha que eu não sei que você elegeu o filho de Jessé, para vergonha sua e para vergonha de sua mãe?”. (I Samuel 20:30). A tradução parte de um hebraico agressivo e cheio de nuances culturais em que “ben na'avat hamardut” pode significar “filho da perversa rebeldia” ou “filho da mulher desviada e rebelde” (Cafetorah, s.d.), expressões análogas ao xingamento *filho (a) da puta*, com a utilização do esquema [filho de (art) N], o que aponta para a importância linguística desse arranjo na história.

Quanto às pesquisas relacionadas a nossa investigação, citamos Simões Neto (2019), que trata das relações cognitivistas e construcionistas do esquema [[X]N de Taubaté]N. O padrão faz referência ao caso de uma mulher que alegava estar grávida de quadrigêmeos, em 2012, e repercutiu na grande mídia. Após a descoberta de que a história era uma farsa, a expressão *Grávida de Taubaté*, que já era conhecida entre o público em razão da narrativa incomum, foi associada a algo falso. Com a repercussão da história na internet, o autor aponta que os falantes passaram a usar epítetos⁵ relacionados a esse evento como *hétero de Taubaté*, *solteiro de Taubaté*, *ativista de Taubaté*, *LGBT de Taubaté* etc.

Gonçalves e Andrade (2016) citam o processo de composição existente em [Maria x]. Nesse caso, *Maria* sinaliza uma mulher interesseira, e o *slot* é preenchido pela categoria profissional pretendida pela mulher, em exemplos como *Maria chuteira* (que gosta de jogadores de futebol), *Maria celebridade* (que gosta de homens famosos) e *Maria tatame* (que gosta de lutadores). Assim como em Simões Neto (2019), o *slot* é preenchido com termos que levam o todo à metaforização, e as expressões perdem composicionalidade significativamente.

As duas pesquisas se assemelham a nosso objeto, já que tratam de esquemas existentes na língua que também são modificados para a formação de novas expressões por meio da

⁵ Segundo Simões Neto (2019, p. 277), “é a categoria da Onomástica que diz respeito a expressões que se associam a um prenome, no intuito de qualificá-lo”.

construcionalização lexical.

3. Pressupostos da LFCU

Pautamos este artigo na LFCU, que incorpora aspectos do Funcionalismo norte-americano, da Linguística Cognitiva e da Gramática de Construções. Investigamos ocorrências em “situações efetivas de interação verbal” (Cunha e Bispo, 2023, p. 24). Realizamos nossas análises com base nas perspectivas construcional, cognitiva e pragmático-discursiva da língua.

Goldberg (1995), Hilpert (2014) e Croft (2001) declaram que as construções são pareamentos forma-função, em que a forma compreende propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, e o significado, propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Isso ocorre à medida que uma nova unidade na língua se convencionaliza como inédita (Oliveira, 2023). Rosário e Oliveira (2016, p. 239) afirmam que “o sentido construcional é entendido como maior ou distinto em relação à soma do sentido de seus componentes; por outro lado, cada um dos componentes referidos concorre para que o sentido geral se instaure”. Nessa lógica, os sentidos atributivos instanciados no subesquema [Filho de (art) N] são novos nós na língua, já que apresentam significado pouco composicional.

Conforme Traugott e Trousdale (2021 [2013]), a língua é constituída por uma rede de nós que se distribuem de acordo com padrões de hierarquia e herança, em esquemas (nível mais abstrato da construção), subesquemas (ligados ao significado central da construção) e microconstruções (*types* especificados). Em nosso caso, postulamos que partimos de um esquema lexical [X de Y]; um subesquema [filho de (art) N] e microconstruções como [filho de uma sirigaita]. Esta última expressão, consideramos ter passado por um processo de construcionalização lexical por sua baixa composicionalidade e por figurar como um novo item na gramática.

Traugott (2022) define construcionalização como uma nova ligação simbólica entre forma e significado. Há a adição ao *constructicon*⁶ e a replicação desse novo nó por uma rede de usuários da língua. A nova construção é, segundo a autora, uma microconstrução que surge de generalizações coletivas sobre os *constructos*⁷. Assumimos que, sob essa ótica, a expressão *filho de uma puta*, por exemplo, replicada pelos falantes como xingamento, foi adicionada ao repertório do português como um novo item, sem que recuperemos totalmente o sentido de suas

⁶ Repertório da língua.

⁷ Dados de uso efetivo.

partes.

A construcionalização lexical, processo por que passa nosso objeto, refere-se a novos pares forma-função que levam à criação de membros de categorias lexicais, como substantivos, adjetivos e verbos. Oliveira (2022, p. 238) declara que esse tipo de construcionalização, “devido a se situar no nível do léxico, pode ocorrer de modo instantâneo, por intermédio da analogização, a partir da formação de um novo pareamento com base em outro já disponível”. É o que verificamos com a formação de novas construções por meio do preenchimento de N.

Sobre os aspectos cognitivos da pesquisa, de acordo com Bybee (2016 [2010]), as categorias são construídas pela experiência. Elas se formam a partir de um protótipo, do qual derivam. Alguns membros dessas categorias são mais centrais, outros mais marginais. Oliveira e Sambrana (2018, p. 335) esclarecem que, “na LFCU, a categorização é abordada prototipicamente, ou seja, tem impacto na representação dos membros em termos da classe a que pertencem; quanto mais esses membros portam traços de uma categoria, mais são tomados como exemplares desta”. Em nossa investigação, consideramos prototípicos os usos que indiquem descendência, conforme vimos em Cunha (2012, p. 1562).

O *chunking* é um processo cognitivo em que um item ou mais da língua se repetem contiguamente, com composicionalidade reduzida ou nula. As formas utilizadas em determinada construção recuperam minimamente seus sentidos lexicais ou não mais fazem referência a eles. *Filho da puta*, como xingamento, é um exemplo de *chunk* em que o acionamento da expressão pouco recupera os elementos que a compõem em seu sentido original na língua. Esse fenômeno ocorre, conforme Bybee (2016 [2010]), com a repetição e a rotinização do uso.

As expressões idiomáticas (consequências de *chunks*), de acordo com Bybee (2016 [2010]), são instâncias de construções com significação própria e quase sempre imprevisível já convencionalizadas na língua. Nesse caso, observamos maior opacidade das construções, já que passam a ser reanalisadas em diferentes contextos.

A analogização é o processo em que se gera uma nova construção por meio da similaridade com outras já existentes (Bybee, 2016 [2010]). De acordo com Traugott e Trousdale (2021 [2013]), os seres humanos são basicamente analógicos. Eles tendem a criar novos usos para novas situações, com base em padrões já disponíveis na língua. Nesse sentido, na construção que investigamos, temos uma estrutura fixa (filho de), a possibilidade de artigos e a ocorrência de elementos que preenchem o *slot* N, possibilitando uma variedade de microconstruções.

Os aspectos pragmático-discursivos consideram características de produção do texto como

lugar histórico, propósito comunicativo, papel dos interlocutores, entre outros. Alguns textos, com maior abstração e intersubjetividade, são mais polissêmicos, contribuindo para a criação de construções na língua (Oliveira e Sambrana, 2018). Esses aspectos se relacionam também a fatores de inferência sugerida (Traugott e Dasher, 2002), em que o locutor sugere ao interlocutor que ele compartilhe seu ponto de vista, a partir de formas mais concretas (já disponíveis) para fins mais abstratos e intersubjetivos (novos nós).

4. Procedimentos metodológicos

Nossa metodologia reflete o tratamento da LFCU a dados sincrônicos, sob a ótica da construcionalidade, nos termos de Rosário e Lopes (2023). Segundo os autores, os aspectos sincrônicos de uma construção podem traduzir a diacronia. Eles permitem que se reflita acerca dos traços gradientes dessa história por meio de um recorte sincrônico, já que, com base na análise proposta, podemos apontar que uma construção motiva a outra.

Desenvolvemos uma pesquisa quali quantitativa acerca da construção [filho de (art) x], nos moldes de Lacerda (2016). Esse método envolve a associação de aspectos qualitativos e quantitativos nos trabalhos da LFCU. A análise qualitativa é a responsável pela interpretação de cada ocorrência em particular, em uma discussão sobre os aspectos pragmáticos que envolvem aquele objeto em determinado contexto discursivo. A análise quantitativa, por sua vez, é a responsável pela identificação da produtividade das construções, podendo-se aferir seu nível de estabilidade na língua (Lopes, 2022).

Os dados desta pesquisa foram levantados na rede social X, em 12 de dezembro de 2024. Esse *corpus* foi selecionado a fim de captar o português usado em ambientes menos monitorados, em um contexto histórico contemporâneo. Coletamos 150 dados em modo aleatório, selecionando a aba “recentes” da página inicial do X. Nesse espaço, digitamos “filho de”, “filho da” e “filho do”, coletando 50 ocorrências de cada construção. O objetivo foi contemplar as construções que correspondem ao subesquema investigado [filho de (art) N]. Nesse sentido, coletamos e analisamos 150 dados.

Consideramos menos gramaticais os usos de maior composicionalidade, com referência a genealogia e descendência (“[...]Bitcoin vai alcançar U\$\$ 1 milhão”, afirma filho de Donald Trump⁸). Tomamos como novas construções os usos menos composicionais, com sentido de

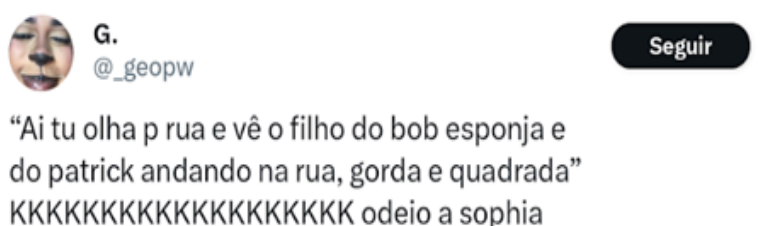
⁸ Rede social “X”, postado por @portaldobitcoin em 12/12/2024.

vínculo com território, xingamento ou ofensa, caracterização religiosa, entre outros de valor mais abstrato (“Esse filho de égua não foi eleito.”⁹).

5. Análise de dados

No primeiro dado aqui analisado, a metaforização do *slot* leva a uma expressão cômica, por meio de um processo interpretativo complexo, porém eficaz para o objetivo do locutor:

Figura 1. Ocorrência (1)



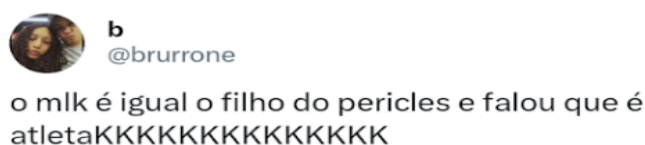
Fonte: Rede social X, postado por @_geopow em 12/12/2024.

Em (1), [filho do bob esponja e do patrick] foi utilizado como uma caracterização pejorativa da pessoa a que se refere o *tweet*. A atribuição sugere uma combinação imaginária dos personagens, relacionada ao padrão de similaridade. Essa comparação indica que o indivíduo foco da postagem está acima do peso, aquém de um padrão social intersubjetivo de beleza. Isso adiciona um caráter humorístico e relativamente ofensivo ao texto. Oliveira afirma que “um dos tipos de linguagem que mais explora a questão da (inter)subjetividade é a humorística. Para que cheguemos ao riso, é preciso compreender a piada, ou seja, é preciso que o interlocutor aceite o convite e pactue sentidos com o locutor” (Oliveira, 2022, p. 107). Observamos que as palavras usadas perdem parte de seu sentido na formação dessa nova expressão, cujo conjunto passa a ter significado próprio, deixando de recuperar semântica e sintaticamente suas partes e gerando a reinterpretação dos elementos linguísticos por parte do interlocutor. O preenchimento de N metaforiza o arranjo, o que possibilita sua transição de um sentido lexical de descendência para um sentido atributivo.

A similaridade também pode ser verificada em construções com o *slot* N preenchido por referentes masculinos:

Figura 2. Ocorrência (2)

⁹ Rede social “X”, postado por @rodrigogilliard em 12/12/2024.

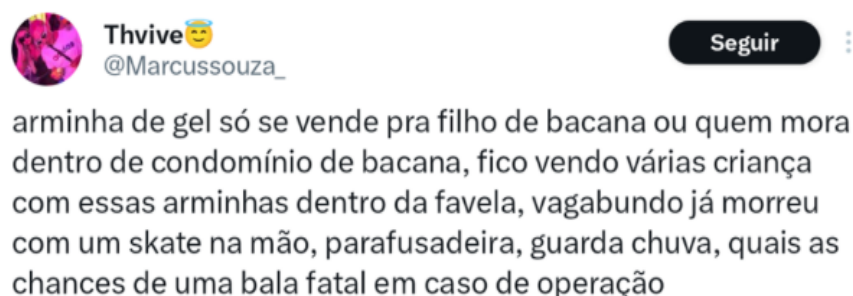


Fonte: Rede social “X”, postado por @brurrone em 12/12/2024.

Em (2), temos uma analogia com base no conhecimento cultural sobre o personagem que preenche N. Essa comparação é efêmera e mais composicional, já que a palavra *filho* indica vínculo com uma personalidade brasileira da contemporaneidade. Em razão de se tratar de uma figura masculina, a intencionalidade de ofensa do internauta é direcionada ao desvio de padrão corporal. Alves (2004) afirma que as questões sociais refletidas na língua apontam para um protótipo de homem viril, patriarca, visto como uma figura forte, em oposição à concepção mais frágil de um homem com “defeitos”. Além disso, citamos a visão de Harari (2012) de que o cidadão comum tem como padrão o modelo ou o artista que vê na TV ou na internet, em uma espécie de alienação de seus gostos pela manipulação das mídias. Observamos que a beleza ocidental ainda é baseada na imagem do americano magro, loiro e de olhos azuis que dominou as telas durante décadas. A fuga ao “protótipo” físico que é imposto à sociedade permite que a referência ao artista de pagode Péricles, figura negra e notadamente acima do peso, seja ofensiva ao se demonstrar um tipo de “fraqueza”, segundo a qual o cantor figura aquém do arquétipo socialmente construído.

Apontamos ainda características de cunho social produzidas pelo esquema em tela:

Figura 3. Ocorrência (3)



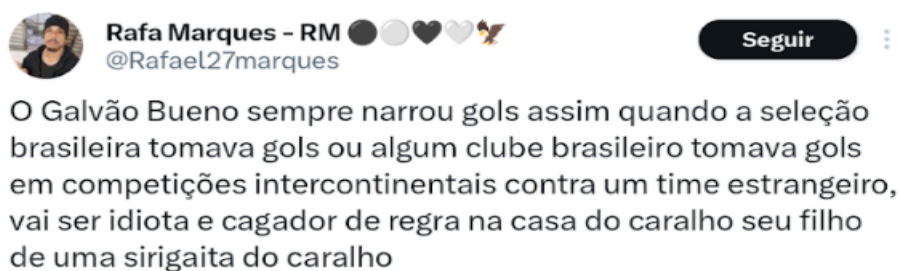
Fonte: rede social X, postado por @Marcussouza em 12/12/2024.

A expressão [filho de bacana] indica perda de composicionalidade dos constituintes da expressão, já que o falante a conceptualiza como a caracterização de integrantes de classes mais

abastadas financeiramente. No caso de (3), *filho* realmente indica uma relação parental, mas em sentido mais amplo, relacionando o indivíduo a um contexto mais patriarcal no âmbito de “família”, não restrito a pai e mãe. Essa relação metonímica possibilita a produção do efeito pragmático observado. Embora haja uma referência ao aspecto da descendência, o todo da expressão leva o interlocutor a novos rumos interpretativos, além da relação pai/filho.

No dado seguinte, nosso objeto é usado para produzir uma ofensa direta ao interlocutor, como vemos:

Figura 4. Ocorrência (4)

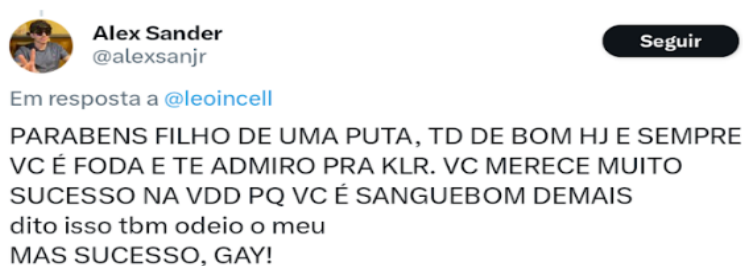


Fonte: Rede social “X”, postado por @Rafael27marques em 12/12/2024.

Em (4), com o uso de “filho de uma sirigaita do caralho”, o locutor produz a expressão por meio do aspecto analógico inerente ao objeto em discussão. Ele usa uma estrutura muito comum na língua (filho de), com o objetivo de ofender seu interlocutor. “Sirigaita” funciona como um termo pejorativo, e “do caralho” intensifica a carga expressiva. O uso do artigo indefinido “uma” expande a indignação geral expressa no *tweet*, já que deixa o insulto mais pesado. O uso de “sirigaita”, em uma referência negativa à figura feminina, confirma as considerações de Alves (2004) e Beauvoir (1967) quanto a uma visão machista impregnada na sociedade. Nesse contexto, há o sentimento de hostilidade e descontentamento, uma estratégia comum de ataque verbal nas redes sociais.

Em alguns casos, a construção perde a composicionalidade de tal maneira que seu significado se expande, chegando a figurar como elogios ou tratamento cordial em contextos como o X:

Figura 5. Ocorrência (5)



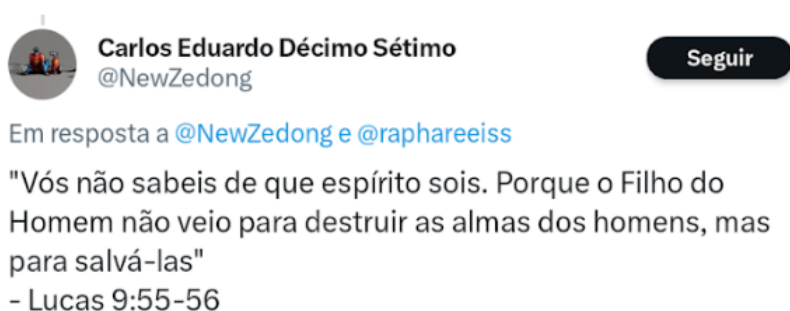
Fonte: rede social “X”, postado por @brurrone em 12/12/2024.

Em (5), o uso de “filho de uma puta” como vocativo, em um contexto de cordialidade, aponta para uma estratégia pragmática particular. Devemos considerar que, nesse ambiente comunicativo, os dois participantes do discurso têm relações sociais estreitas. Confirmamos esse entendimento com a sequência do texto, em que mais palavrões são utilizados em perspectiva de elogio. Esse uso passa a funcionar como um indicador de afeição e grande intimidade na esfera do trato masculino. Ressaltamos que, de acordo com o conceito de inferência sugerida (Traugott; Dasher, 2002) o locutor, em virtude de seu relacionamento com o interlocutor, pressupõe que essas palavras sejam interpretadas como estreitamento de relação, a partir da força expressiva que o uso apontado proporciona ao texto. A inversão da intencionalidade do xingamento em questão aponta para uma composicionalidade muito baixa, o que nos leva a pensar na expressão como um idiomatismo, nos termos de Bybee (2016 [2010]). A construção se distancia do sentido

tradicionalmente injurioso, por meio de uma ressignificação pragmática, para expressar afeto com mais intensidade. Esse tipo de uso se diferencia dos outros pois é mais convencionalizado. Não teríamos o mesmo sentido preenchendo N com outros termos, o que comprova maior fixidez da expressão e sua adição ao *constructicon* como novo item lexical.

Encontramos também, em nossos dados, o uso das figuras bíblicas ou religiosas como componentes da construção, principalmente em referência ao masculino:

Figura 6- Ocorrência (6)



Fonte: rede social "X", postado por @NewZedong em 12/12/2024.

O uso "Filho do Homem", que verificamos em (6), é fruto da replicação de passagens bíblicas em referência a Jesus Cristo. Temos, nesse caso, uma expressão consolidada no discurso religioso. Essa atribuição se deve à humanidade de Cristo e seu vínculo com o ser humano em uma missão de sofrimento, morte e glória na ressurreição. Observamos que a expressão também é idiomática, sem flexibilidade no preenchimento de N.

Em [Filho de (art) N], temos uma construção de sentidos distintos a partir do preenchimento do *slot* N, aplicada para distintos objetivos pragmáticos. Esses usos são amplamente reconhecidos e compartilhados na língua. No padrão a seguir (*filho da*), a maioria dos casos é de *filho da puta*, que avaliamos como um idiomatismo, já que é apresentada fixidez e ressignificação na composição, como observamos em (7):

Figura 7. Ocorrência (7)



Fonte: Rede social “X”, postado por @helozys em 12/12/2024.

Em (7), “filho da puta” é usado como expressão de raiva. A responsável pelo *tweet* demonstra seu descontentamento com o professor, de forma pública, sem que entre em detalhes sobre a insatisfação. Isso é uma característica do *corpus* selecionado, usado por um público mais jovem como uma espécie de diário aberto. Essa mensagem tem seus destinatários: as pessoas que convivem com a locutora e conseguem decodificar a mensagem por meio do conhecimento de mundo que compartilham com ela. Identificamos esse sentido como o mais básico desse idiomatismo, já que corresponde ao uso pejorativo mais genérico.

Observamos que a expressão também ocorre em meio a outras metáforas, como na atribuição ao termo “dedo”, já reanalizado quanto a seu sentido lexical:

Figura 8. Ocorrência (8)



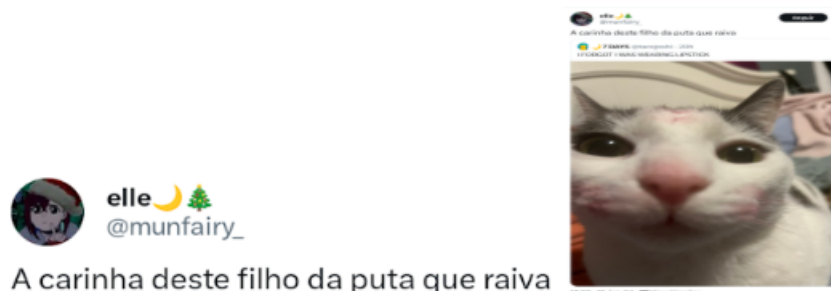
Fonte: rede social X, postado por @HigorVolve em 12/12/2024.

No dado (8), consideramos “filho da puta” uma expressão idiomática por sua aplicação imprevisível no texto. O termo, mais conhecido como um xingamento, nesse caso, passa por um processo de reanálise, indicando falta de habilidade em escolhas amorosas, com a ampliação de seu sentido já construcionalizado. Verificamos que a opção de preenchimento do *slot* N motiva as inferências realizadas nesse contexto específico. O texto exige do interlocutor habilidades

socioculturais e linguísticas específicas para sua interpretação, relacionadas às inferências propostas pelo locutor.

A reinterpretação de *filho da puta* nos leva a outros usos, como em (9):

Figuras 9. Ocorrência (9)



Fonte: Rede social "X", postado por @munfairy_ em 12/12/2024.

Verificamos que a expressão "filho da puta" tem seu conteúdo invertido e atenuado para demonstrar carinho e admiração pela figura do gato. Houve mudança semântica na construção, que nasce como uma ofensa e é reanalisada semanticamente para fins expressivos e pragmáticos como algo positivo, agradável e inovador. Além disso, contribui para esse efeito discursivo a motivação semiótica do *tweet*, já que nele o locutor também lança mão do recurso não verbal da foto do gato, indicando aspecto de ternura. Essa inversão é ampliada por "que raiva", já que se refere a um sentimento negativo em um contexto de apreciação. A reanálise dos sentidos traz para o contexto comunicativo um tom carinhoso de uma raiva cômica atenuada. Isso é possível em razão da valorização do contato desses animais com o ser humano em nossa sociedade.

Observamos que o esquema [filho de (art) N] acaba servindo para diferentes propósitos comunicativos quando preenchido pelos itens que aqui apontamos. As microconstruções observadas são motivadas por pressões de natureza pragmático-discursiva, demonstrando uma complexidade cultural que acaba reverberando na língua por habitar o consciente coletivo. Apontamos as dicotomias como elemento central dessas construções, pois são construídas em razão da dualidade *homem/mulher*, *Deus/diabo*, *homem prototípico/homem marginal* etc.

Procedemos à análise quantitativa de nossa pesquisa por meio do quadro a seguir:

Tabela 1- Análise quantitativa de dados

Subesquema [filho de (art) N]				
Padrão	Types	Descrição de sentido	Tokens	%
filho de N	[filho de N] protótipo	Genealogia ou descendência.	23	46
	filho de uma puta	Temos uma construção idiomática em razão da reanálise semântica.	12	24
	filho de uma sirigaita	Ofensa genérica com base na depreciação da figura feminina.	1	2
	filho de uma prostituta	Ofensa genérica com base na depreciação da figura feminina.	1	2
	filho de satan	Ofensa genérica com base na dicotomia religiosa Deus- bom/ diabo- mau.	1	2
	filho de égua	Ofensa genérica com base na depreciação da fêmea da espécie indicada.	1	2
	filho de Deus	Referência à ligação espiritual de Cristo com Deus.	5	10
	filho de bacana	Pessoas privilegiadas socialmente.	1	2
	filho de santo	Ligação espiritual entre o ser humano e as entidades de origem africana.	1	2
	filho de milionários	Referência a pessoas privilegiadas socialmente.	1	2
	filho de alguma minoria	Pessoas desfavorecidas socialmente.	1	2
	filho de pessoas comuns	Pessoas desfavorecidas socialmente.	1	2
	filho de pobre	Pessoas desfavorecidas socialmente.	1	2
filho do N	[filho do X] protótipo	Indica genealogia ou descendência.	39	78
	filho do Péricles	Ofensa construída com base na figura masculina não prototípica.	1	2
	filho do Capeta	Ofensa genérica com base na dicotomia religiosa Deus- bom/ diabo- mau.	1	2
	filho do Baphomet ¹⁰	Ofensa genérica com base na dicotomia religiosa Deus- bom/ diabo- mau.	1	2
	filho do Senhor	Chunk que representa a ligação entre o homem e Deus.	1	2
	filho do Cramunhão ¹¹	Ofensa genérica com base na dicotomia religiosa Deus- bom/ diabo- mau.	1	2
	filho do Bob Esponja e do Patrick	Ofensa construída com base na figura masculina não prototípica.	1	2
	filho do Belzebu	Ofensa genérica com base na dicotomia religiosa Deus- bom/ diabo- mau.	1	2
	filho do Homem	Chunk que representa a ligação entre Cristo e a humanidade.	1	2

¹⁰ Baphomet é um ídolo ou divindade pagã ou gnóstica inventada. Os Templários foram acusados de adorá-la. Posteriormente ao fato histórico, foi adotado por vários escritores ocultistas e místicos (<https://www.britannica.com/topic/Baphomet>. Acesso em 16/07/2024). No discurso religioso cristão, a imagem é associada ao diabo bíblico, com cunho semântico negativo.

¹¹ No folclore brasileiro, cramunhão é uma das muitas denominações populares e eufemísticas atribuídas ao diabo, frequentemente associada à lenda urbana e rural do “diabo na garrafa”. Também conhecido como cramulhão, é tema em novelas populares do Brasil, o que o populariza e o insere na memória do público (<https://oglobo.globo.com/cultura/televisao/noticia/2022/06/cramulhao-de-pantanal-ja-teve-destaque-em-outras-novelas-de-benedito-ruy-barbosa-entenda-a-lenda.ghml>. Acesso em 16/07/2026).

	<i>filho do meu pai</i>	Indicação de semelhança com o pai em costumes.	1	2
	<i>filho do pobre</i>	Pessoas desfavorecidas socialmente.	1	2
	<i>filho do pedreiro</i>	Pessoas desfavorecidas socialmente.	1	2
filho da N	<i>[filho da X]</i> protótipo	Indica genealogia ou descendência.	4	8
	<i>filho da puta</i>	Temos uma construção idiomática que pode assumir diversos sentidos.	46	92
Total de ocorrências analisadas			150	

Fonte: Elaboração própria.

Na Tabela 1, indicamos a porcentagem de uso dentro de cada padrão. [Filho de N] permite uma variedade de construções, com diferentes propósitos comunicativos. O *slot* N, nesse caso, é preenchido com itens que levam o conjunto a significados religiosos, sociais e ofensa genérica. Chama a atenção a convencionalização de *filho de uma puta*, representando uma grande parcela de usos (24%). Consideramos o *type* um idiomatismo, já que gera ocorrências não composicionais e altamente pragmáticas.

Em relação ao padrão [filho do N], a maioria das ocorrências aponta para o uso prototípico da forma, indicando descendência (78%). Os novos pareamentos, em parte, são formados por *chunks* oriundos da Bíblia Sagrada e replicados em contextos teológicos. Além disso, o modelo de homem patriarca, forte mental e fisicamente e sem defeitos permite que construções sejam criadas com alusão a qualquer característica que fuja a esse padrão, como o homem acima do peso.

O padrão [filho da N] representa, em nossa pesquisa, a convencionalização da expressão *filho da puta* no português contemporâneo como um idiomatismo. Esses usos totalizam impressionantes noventa e dois por cento (92%) das ocorrências, indicando o predomínio de novos pareamentos sobre a forma fonte (8% dos usos). Constatamos que a construção apresenta alto grau de opacidade, fixando-se na mente do falante como um item de grande possibilidade de significações em diferentes contextos.

6. Considerações finais

Neste artigo, analisamos o padrão [filho de (artigo) N]. Confirmamos nossas hipóteses sobre o uso dessa estrutura já fixada na mente dos falantes com o objetivo de avaliação. Cumprimos nossos objetivos ao investigar e discutir as motivações pragmático-discursivas para a instanciação dessas construções e ao aferir a produtividade de cada *type* e *token* encontrados na coleta.

Os resultados apresentam um cenário de alta produtividade e convencionalização discursiva do subesquema investigado, que demonstra ser flexível ao licenciar construções que levam a diferentes interpretações. O padrão [filho de N] demonstrou maior flexibilidade, com preenchimentos que levam tanto a expressões de descendência como a ofensas. [filho do N], por sua vez, apresentou forte viés prototípico em função de sua predominância de dados no sentido

de descendência (78% das ocorrências), embora também tenha se mostrado forte instrumento de criação de ofensas relacionadas a padrões estéticos, corporais e de gênero. O padrão [filho da N] se destaca pela cristalização de “filho da puta” (92% dos dados da forma). A expressão transcende o mero xingamento e passa a ser reanalisada em inúmeros vieses interpretativos, servindo para fins tanto de descontentamento genérico como para demonstração de carinho, afeto, admiração, entre outros.

Além disso, as ocorrências analisadas indicam que pressões socioculturais intersubjetivas que permeiam o imaginário do brasileiro contribuem para a construcionalização lexical. Isso ilustra como a gramática se molda às necessidades sociais de interação humana, dentre elas a de interações em redes sociais. Nesse sentido, esta pesquisa reforça um pressuposto caro à LFCU de que a língua emerge e se consolida com a repetição e a rotinização dos usos (Bybee, 2016 [2010]).

Por fim, consideramos que nossa discussão contribui para a agenda de pesquisa da LFCU, mais especificamente no âmbito da construcionalização lexical. Nessa perspectiva, apontamos para a necessidade da confirmação de nossos resultados em uma pesquisa histórica. Esse aprofundamento contribuiria para que melhor entendêssemos como a língua é motivada por contextos socioculturais na instanciação de novos itens lexicais. Como apontamos inicialmente, tratamos aqui de um uso de milhares de anos, que foi registrado como instrumento linguístico de ataque verbal até mesmo na Bíblia. Isso indica a possibilidade de um esquema frequente em dados diacrônicos, o que viabiliza o estudo da mudança linguística do objeto em tela.

7. Referências

- ALVES, J. E. D. *A linguagem e as representações da masculinidade*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, p. 387-392, 2004.
- BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo*. Volume 2: A experiência vivida. 2. ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BECHARA, E. *Minidicionário da língua portuguesa* Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. 3. ed. Nova Almeida Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- BISPO, E. B.; LOPES, M. G. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação. *Revista Odisseia*, v. 7, n. Especial, p. i-x, 2022.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*; tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CAFETORAH. *Bíblia Sagrada Interlinear: Português - Hebraico*. 2. ed. [S.l.]: Cafetorah.com, [s.d.]. 1 arquivo digital (PDF). Disponível em: <http://www.cafetorah.com>. Acesso em: 8 fev. 2026.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa [recurso eletrônico]*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.) *Manual de linguística*. 2 ed. 5ª impressão. São Paulo: Contexto, 2017.

FURTADO DA CUNHA, M. A. F. da; BISPO, E. B. Linguística Funcional Centrada no Uso: caracterização teórico-metodológica e aplicação prática. In: ROSÁRIO, I. da C. (Org.). *Metodologia da pesquisa funcionalista*. Porto Velho, RO, Edufro, 2023. 222 p.: il.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, C. A.; ANDRADE, K. E. A instabilidade categorial dos constituintes morfológicos: evidência a favor do continuum composição-derivação. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 32, n. 2, p. 261-294, 2016.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

LOPES, M. G. Procedimentos metodológicos na análise de dados sincrônicos. In: ROSÁRIO, I. da C. do (org.). *Introdução à linguística funcional centrada no uso: teoria, método e aplicação*. Niterói: Eduff, 2022. cap. 8, p. 266-308.

OLIVEIRA, M. R. de; SAMBRANA, V. Rosana M. Marcadores discursivos de base perceptivo-visual: uma abordagem construcional. *Confluência*, p. 327-349, 2018.

OLIVEIRA, M. R. de. Afixoides espaciais em construções do português. In: ROSÁRIO, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, T. P. de (Org.). *Descrição funcional do português: teoria e ensino*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2021. p. 189-216.

OLIVEIRA, M. R. de. Arbitrariedade e iconicidade: (inter)subjetividade, metáfora e metonímia In: ROSÁRIO, I. da C. do. (organizador). *Introdução à linguística funcional centrada no uso* [recurso eletrônico]: teoria, método e aplicação. Niterói : Eduff, 2022. p. 232-265 – 3.582 kb. : il. ; PDF. – (Coleção Biblioteca Básica).

OLIVEIRA, M. R. de. Gramaticalização e construcionalização na pesquisa funcionalista. In: OLIVEIRA, M. R. de; LOPES, M. G. (Orgs.). *Funcionalismo Linguístico: interfaces*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023; figs.; tabs.; quadros.

ROSÁRIO, I. da C.; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016. DOI: [org/10.1590/1981-5794-1608-1](https://doi.org/10.1590/1981-5794-1608-1).

ROSÁRIO, I. da C.; LOPES, M. G. Construcionalidade e mudança na sincronia. In: ROSÁRIO, I. da C. do (org.). *Metodologia da pesquisa funcionalista*. Porto Velho, RO, Edufro, 2023. 222 p.: il.

SIMÕES NETO, N. A. S. O padrão [[X] N de Taubaté] N no português brasileiro: um estudo sobre compostos sintagmáticos em perspectiva construcional. *Revista Diadorim*, v. 21, n. 2, p. 265-290, 2019.

TRAUGOTT, E; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. Construcionalização e mudanças construcionais. *Trad. Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha*. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

TRAUGOTT, E. C. *Discourse structuring markers in English*. Discourse Structuring Markers in English, p. 1-292, 2022.
